**RELATO DAS APARIÇÕES DE MARIA À SANTA CATARINA LABOURÉ**

De julho a dezembro de 1830, a Ir. Catarina – noviça das Filhas da Caridade – recebeu a grande graça de conversar três vezes com a Virgem Maria. Nos meses anteriores, Catarina foi favorecida com outras aparições. São Vicente de Paulo apresentou seu coração. Estando em oração na capela, Catarina viu por três dias seguidos, **o coração de São Vicente de Paulo, em três cores distintas**. Apareceu primeiramente na cor branca, cor da paz; depois vermelho, cor do fogo; por último, preto, sinal das desgraças que iriam cair sobre a França (e em Paris particularmente). Pouco depois, Catarina viu a **Cristo presente na eucaristia**, além da aparência do pão: *“Vi Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, durante todo o tempo de meu seminário, exceto todas as vezes em que duvidei”.* No dia 06 de junho, festa da Santíssima Trindade, Cristo apareceu como **Rei Crucificado**, despojado de todos seus atributos.

**18 de julho de 1830**

No dia 18 de julho de 1830, véspera da festa de São Vicente, Catarina recorre a este Santo para que, mediante sua intercessão, se cumprisse seu grande desejo de ver a Santíssima Virgem. Tempos atrás, quando faleceu sua mãe e ela ainda era criança, havia pedido à Maria que ela fosse sua mãe.

As onze e meia da noite, ouviu chamarem por seu nome. No pé de sua cama, uma criança misteriosa lhe convida a levantar-se: *“Ir. Catarina, vá a capela. A Virgem Maria te aguarda”.* Catarina se veste e segue a criança, cujos *“raios de luz, iluminavam seu caminho”.*

Chegam a capela e Irmã Catarina para perto da cadeira do sacerdote situada no presbitério. Ouve então *“como o som do movimento de um vestido de seda”.* *“Eis aqui a Santíssima Virgem”,* lhe diz o seu pequeno guia. Duvida dele, mas o menino repete em voz mais alta: *“Eis aqui a Santíssima Virgem”.* Catarina corre para ajoelhar-se diante da Virgem Maria, que está sentada na cadeira e Catarina apoia suas mãos nos joelhos da Mãe de Deus*. “Ali passei algum tempo, o mais feliz de minha vida. Seria impossível dizer o que experimentei. A Virgem me disse como devia me comportar com meu diretor espiritual e várias outras coisas”*. A Santíssima Virgem mostrou o altar onde estava o presbitério e disse: ***“Venha aos pés deste altar. Aqui, as graças serão dadas a todos que pedirem com confiança e fervor”.*** A nova missão de Catarina foi a de difundir esta promessa de Deus e Maria ao mundo. Maria lhe pediu ainda a criação de uma associação dos filhos e filhas de Maria. O confessor de Catarina, o Padre João Maria Aladel, CM, cumpriria este pedido no dia 2 de fevereiro de 1840.

**27 de novembro de 1830**

No dia 27 de novembro de 1830, a Virgem Santíssima aparece novamente à Catarina na mesma Capela. Desta vez foi as 5 e meia da tarde, durante a meditação. Primeiro Catarina viu como que dois quadros vivos, unidos, nos quais a Virgem estava de pé sobre meio globo terrestre, esmagando uma serpente com seus pés. No primeiro quadro, a Virgem tinha consigo um pequeno globo dourado em suas mãos, com uma cruz que subia aos céus. Catarina ouve: **“Esta esfera representa o mundo inteiro e cada pessoa em particular”.** No segundo quadro, saem de suas mãos abertas, cujos dedos tem anéis de pedras preciosas, uns raios de um brilho belíssimo. Ao mesmo tempo Catarina ouve uma voz que diz: **“Estes raios são o símbolo das graças que eu consigo para a humanidade”.** Depois se forma um arco oval ao redor da aparição e Catarina vê escrito em semicírculo uma invocação, até então desconhecida, escrita em letras de ouro: **“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”.** E ouve em seguida uma voz: **“Mande cunhar uma medalha segundo este modelo. As pessoas que a carregarem com confiança receberão inúmeras graças”.** Depois, o quadro se vira e Catarina vê o reverso da medalha: acima, uma cruz sobre a letra “M”; abaixo, dois corações: um coroado de espinhos e outro traspassado por uma espada.

**Dezembro de 1830**

No mês de dezembro de 1830, estando em meditação, Catarina torna a ouvir o suave movimento, desta vez, atrás do altar. O mesmo quadro da medalha aparece junto ao tabernáculo. **“Estes raios são o símbolo das graças que a Virgem Santíssima consegue para as pessoas que lhe pedem... Já não me verás mais”.**

É o final das aparições. Catarina comunica os pedidos da Virgem Maria a seu confessor, o Pe. Aladel. Este num primeiro momento não acolhe bem, e inclusive lhe proíbe de pensar e falar nisto. Embora tenha sido um golpe terrível para ela, Catarina obedeceu seu confessor.

**A medalha é propagada**

No dia 30 de janeiro de 1831 encerra o tempo de Seminário e Catarina recebe o hábito de Filha da Caridade. No dia seguinte é designada para o Asilo de Enghien, fundado pela família de Orleans, na rua de Picpus, 12 – Bairro Reully, oeste de Paris. Num bairro cheio de miséria, Catarina atenderá os Pobres durante 46 anos, em silêncio e total anonimato.

O Pe. Aladel continuou sendo o diretor espiritual de Catarina durante sua permanência no Asilo de Enghien, pois ele também era capelão desta instituição. Havia se passado sete meses desde que a Santíssima Virgem pediu que se cunhasse e distribuísse a medalha, mas ainda não tinha sido feito nada. Nossa Senhora comunicou à Catarina que estava desgostosa, porque seus desejos não haviam sido cumpridos. “Mas querida Mãe”, disse a Irmã Catarina, “Vós vedes que ele (o Pe. Aladel) não acredita em mim”. **“Não tenhais medo”** – foi sua resposta – **“chegará o dia em que fará o que eu peço, porque ele é meu servo e não irá querer me desapontar”.**

Ao ouvir isto, o Pe. Aladel se mostrou muito preocupado: “Se Maria está desgostosa, não pode ser com a jovem irmã, pois em sua situação ela é incapaz de fazer qualquer coisa. Sendo assim, deve ser comigo”.

O Pe. Aladel sentiu que não podia assumir a responsabilidade de rejeitar as comunicações que fazia sua penitente. Desta maneira, consultou seu Superior, o Pe. João Batista Etienne, CM, sem revelar o nome da Ir. Catarina, que desejava permanecer no anonimato. Decidiu-se então que um assunto assim tão importante deveria ser levado ao Arcebispo. Os dois padres chamaram o Arcebispo Dom Quélen, de Paris, e lhe apresentaram um detalhado relato das aparições. Tendo escutado com grande interesse a maravilhosa história, o arcebispo disse que não via nenhuma objeção para que a medalha fosse cunhada, já que não estava contrária a fé católica; ao contrário, estava de acordo com a devoção dos fiéis à Nossa Senhora. Ele sentia que contribuiria deste modo à sua honra, e pediu que algumas destas medalhas lhe fossem enviadas depois de prontas.

Tendo recebido a permissão eclesiástica, o Pe. Aladel agilizou para que a medalha fosse feita. No entanto, houve um atraso considerável e somente no final do mês de junho de 1832 foi quando ele recebeu o primeiro lote de 2.000 medalhas. Inicialmente, visto que a Virgem Maria havia prometido muitas graças aos que a levassem consigo, a medalha se chamou “A Medalha de Nossa Senhora das Graças”. O diretor espiritual entregou uma destas medalhas à Ir. Catarina, como forma de reparar sua prolongada oposição. O único comentário da Ir. Catarina foi: “Agora deve propagar-se”.

Em fevereiro de 1832, uma terrível epidemia de cólera havia se espalhado por Paris, e causaria mais de 20 mil mortes. Depois de cunhar as primeiras medalhas em junho de 1832, as Filhas da Caridade começaram a distribuir estas 2.000 medalhas. Aumentaram as curas, assim como a proteção contra a enfermidade e também as conversões. Foi algo espantoso! As pessoas de Paris logo começaram a referir-se à medalha como **“a Medalha Milagrosa”** ao invés de “a Medalha de Nossa Senhora das Graças”.

No outono de 1834 já haviam sido fabricadas 500 mil medalhas. Em 1835, havia sido feita mais de 1 milhão em todo o mundo. Em 1839, já se passava dos 10 milhões de medalhas distribuídas. Calcula-se que até o momento da morte da Irmã Catarina Labouré, em 1876, haviam sido distribuídas mais de 1 bilhão de medalhas.